Majugika Kaju Nafukua

FORMAÇÃO EM GESTÃO TERRITORIAL E SERVIÇOS SOCIOAMBIENTAIS NO XINGU

6

ALTO

Resistência e conhecimentos do povo Jagamü

FALAS DE VELHOS E JOVENS

Sumário

Introdução **5**

Objetivo, justificativa e metodologia **6**

Histórico do povo Jaramü **8**

Fala de Jamiku Nafukua 8

Relato de Kahusala Ogondõ Kalapalo sobre o povo Jagamü 12

O Histórico de Vida **14**

Relato de Majugika Kaju Nafukua 14

Introdução

No ano de 2012 eu dei início a uma série de estudos sobre a história do povo *Jagamü*, que já estava quase para extinguir. Ainda em tempo, deu para resgatar os relatos de três anciões importantes na reconstituição da história do povo *Jagamü*, para além de registro do *Karl von den Steinen,* que consideramos insuficiente para levantar a história deste povo. Esse retrato da realidade do povo *Jagamü* foi possível graças ao depoimento dos dois irmãos, *Jamiku Jagamü Nafukua* e *Sagiku Jagamü Nafukua*, além de *Kahusala Ogondõ Kalapalo*, que complementou o relato da história.

A proposta dessa pesquisa é conhecer uma parte da história que conta a trajetória de vida do povo *Jagamü*, mostrar a importância da identidade étnica e conhecimento que se tem sobre suas culturas, principalmente a trajetória desde o princípio do seu povoamento. A partir desses estudos, a geração atual e as futuras terão oportunidade de conhecer a história do seu povo e seu território originário.

Foi interessante perceber que o povo *Jagamü* aprendeu certos acontecimentos recebidos da natureza através dos seus espíritos, dos quais herdaram os conhecimentos milenares que seguem até hoje. Essa informação possibilita-nos entender essa história desde séculos e conhecer um pouco as localidades que percorreram até chegar a seu lugar atual.

Objetivo, justificativa e metodologia

O objetivo de realizar esta pesquisa é levantar as informações sobre as localizações dos territórios por onde o povo *Jagamü* passou. E falar da questão da identidade étnica, de controle à ocupação do território considerado tradicional pelos karib, a força política interna que os afeta, e como vão se relacionar entre si a partir do momento em que estão voltando a reocupar seus antigos territórios, motivados pela proximidade da cidade, já que os antigos territórios estão próximos aos limites do Parque Indígena do Xingu.

A realização da pesquisa envolveu as pessoas interessadas em resgatar a história, pois provocou o diálogo e despertou o interesse das pessoas que procuram saber e se informar melhor sobre o assunto.

Foi importante conhecer a história do povo a partir de conhecimento dos anciões que narram a história dos nossos ancestrais até os dias atuais e que, por sua vez, podem nos ajudar a refletir e entender o nosso mundo no que diz respeito a algumas mudanças importantes ocorridas. Passando a conhecer esta história, teremos como valorizar o conhecimento e sabedoria do povo *Jagamü* conforme a história, algo específico sobre esse povo e as suas realidades locais. Isso também pode fortalecer os saberes e a prática oral de transmissão do conhecimento do povo *Jagamü*, que deve ser passado de geração a geração.

Com o presente trabalho, podemos entender a realidade do povo *Jagamü*, saber onde as pessoas desse povo estão distribuídas e residindo, sobretudo as famílias residentes na aldeia Nafukwa, que são as principais famílias consideradas como do povo *Jagamü*. O povo *Jagamü* saiu da aldeia *Nafukua*, estando hoje espalhado pelo sul do Xingu, nas suas aldeias: Caramujo, Barranco Queimado, Kuluene, ao longo do rio Kuluene e na aldeia *Jagamü* no rio Kurisevo, além de outras aldeias em formação.

Outro motivo importante é registrar que existiram alguns preconceitos dentro do povo quando se misturaram com as outras famílias dos outros povos. Quando cresceram suas famílias, ultrapassando a família do povo *Jagamü*, decidiram sair da aldeia *Nafukua*, formando a aldeia Matipu. Posteriormente, isso também aconteceu com a família *Jagamü* que estava morando nesta aldeia Matipu, que foi embora pelo mesmo motivo, preconceito dentro do povo: quando estas poucas famílias se sentiram dominadas e sob forte influência do outro povo, decidiram e pegaram as suas trilhas recentes e hoje eles estão ali.

As informações registradas neste trabalho vêm dos relatos das últimas famílias originárias do povo *Jagamü*, que contaram suas histórias, que vieram através do conhecimento da família. Esses velhos acreditam que suas famílias sejam as últimas a contar a história do seu povo, a qual herdaram. Acreditam que as histórias e relações entre experiências das gerações passadas com a de hoje podem ser significativas na construção da história atual do nosso povo, já que constroem o presente.

A história nos ajuda a compreender este mundo e pode funcionar como instrumento de orientações para as novas gerações. Isso pode parecer estranho e incrível: ver o modo de viver que sempre vai preservando o conhecimento do passado e, por outro lado, gera a preocupação dos anciões – não somente do povo *Jagamü* – ao ver que não se conta mais história do povo para as crianças por causa de mudanças culturais, levando algumas pessoas a esquecerem a sua própria cultura.

Partindo dessa história, coloco uma reflexão: – Você já parou para refletir sobre as histórias indígenas? Sobre a força do conhecimento indígena? Sobre o que significa a história oral? Será que conhecimento é algo que adquirimos somente quando sabemos escrever? E aqueles que nunca estudaram, como passam o conhecimento para os outros e próximas gerações?

Histórico do povo Jagamü

FALA DE JAMIKU NAFUKUA

Jamiku Nafukua conta do antepassado do povo *Jagamü* que, durante séculos, viveu no rio Mirassol, onde habitavam junto ao povo *Kalapalo*. Conta que os antepassados *Jagamü* e *Kalapalo* viviam juntos na grande aldeia chamada *Timpa*. Naquele tempo eles eram conhecidos como o povo de *Timpa*. Havia cinco grandes aldeias, uma ao lado da outra. Tinha muita gente, de fato eram aproximadamente 5.000 a 10.000 habitantes. Assim sendo, nos seus rios não havia mais peixes e caças suficiente. Sem condições, sem o que caçar e pescar, brigaram entre eles.

Havia um índio rapaz – de outro povo que era caçador e tocava fogo todo ano perto da aldeia – que conhecia todas as regiões dos indígenas *Bakairi*. Esse rapaz seguiu a direção da aldeia em que se via fumaça do fogo. Quando ele chegou ao lado do porto da aldeia Timpa, gritou várias vezes. As pessoas que estavam tomando banho no rio ouviram o grito e correram para a aldeia contar para o cacique. O cacique chamou um rapaz que entendia as línguas de outros povos. Explica-se que esse rapaz tinha escutado a fala do pássaro xexéu depois do ritual de furação de orelha, por isso ele teria esse dom de entender todas as línguas dos outros povos.

Chamaram-no para encontrar a pessoa que estava gritando do outro lado do porto. Este rapaz poliglota estava na roça trabalhando, na ocasião. Pediram para alguém ir avisá-lo. Ao chegar da roça, pegou seu remo e canoa para atravessar o rio, e foi. Quando estava quase chegando perto, a pessoa gritou, e ele respondeu. E disse para ele (poliglota):

– Eu vim aqui para falar e contar de um lugar bom para vocês.

O tradutor que estava na canoa viu que era um *Bakairi*, entendeu tudo o que ele dizia e começou a falar com ele ainda de longe. Ao chegar perto dele, perguntou seu nome e ele respondeu:

– Eu sou *Koesa Bakairi* – e o cumprimentou. O rapaz tradutor pediu para ele entrar na canoa para ir até a aldeia. Do outro lado do rio (isto é, no porto), tinha muitas pessoas esperando, elas o cercaram e o levaram para o pátio da aldeia para perguntar porque ele tinha vindo. Disse:

– Eu vim aqui avisar vocês, tem um lugar bom aqui perto, nessa região, lá tem lago com muitos tipos de peixes. Se quiserem morar lá, vou mostrar para vocês onde fica esse lugar.

O jovem traduziu tudo o que o *Bakairi* falou para os caciques, avisando que havia encontrado um lugar bom com muitos tipos de peixes. Um cacique concordou com a ideia e falou que iria para lá.

– Eu vou – disse o cacique, e perguntou para o povo:

– Se quiserem ir comigo, nós vamos. Se alguns não quiserem, não tem problema.

E começaram a conversar entre eles, para organizar a mudança. Decidiram ir primeiro ver o lugar, se ele realmente estava dizendo a verdade, ou não. Outro dia bem cedo saíram da aldeia. Foram andando no mato, até que, no final da tarde, chegaram nesse lugar. No outro dia, ficaram felizes de ver a fartura de peixes e macacos.

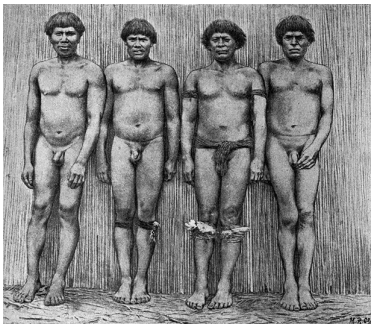
Quando amanheceu, *Koesa Bakairi* começou a mostrar os locais que tinha ali. Os homens começaram a conhecer os lugares e os nomes dados pelos *Bakairi*. *Takagaga* estava entre os lugares que ele mostrou. Ele mostrou tudo o que conhecia no local. Levou os homens no lago para mostrar aonde tinha muitos tipos de peixes. Ao chegarem no lago, os homens começaram a flechar os peixes e ficaram muito contentes.

No final da tarde, o *Bakairi* foi levá-los para mostrar aonde fica o rio Kurisevo. Terminado de mostrar esses lugares, mostrou onde ele dormia, perto do rio. Ao terminar, ele começou a se despedir deles e disse:

– Agora que terminei de mostrar para vocês tudo o que sei dessa região, vou embora para minha aldeia.

Ele entrou no *Tühegoh* (madeiras amarradas entre si como barco), começou a remar e foi embora.

Em seguida da saída dele, os homens foram ver o lugar em que ele dormia. Entraram na casa e ali tinha muitas penas de aves que ele guardava dentro das cabaças. Eles pegaram todas as coisas que tinha na casa dele. Um rapaz encontrou uma cabaça bem bonitinha, bem tampada e todos ficaram curiosos em saber o que tinha ali dentro. Pediram ao rapaz para abrir a cabaça e o cercaram para ver o



que tinha ali. Quando ela abriu, sentiram o mau cheiro e se afastaram. Riram muito, porque naquela cabaça, esse *Bakairi* guardava o seu peido.

Depois disso, os homens voltaram onde dormiram no primeiro dia. Começaram a limpar o local e planejar de fazer a roça e construir as casas. Ficaram três dias e voltaram para a aldeia com muita fartura de peixes e macacos. Contaram a história da viagem e de como o lugar era bom para se abrir a aldeia.

O cacique *Ahiguata* decidiu ir e levar somente as famílias próximas. Algumas pessoas que tinham problema com o povo de Timpa também decidiram ir com ele. Começaram a preparar as comidas para levar.

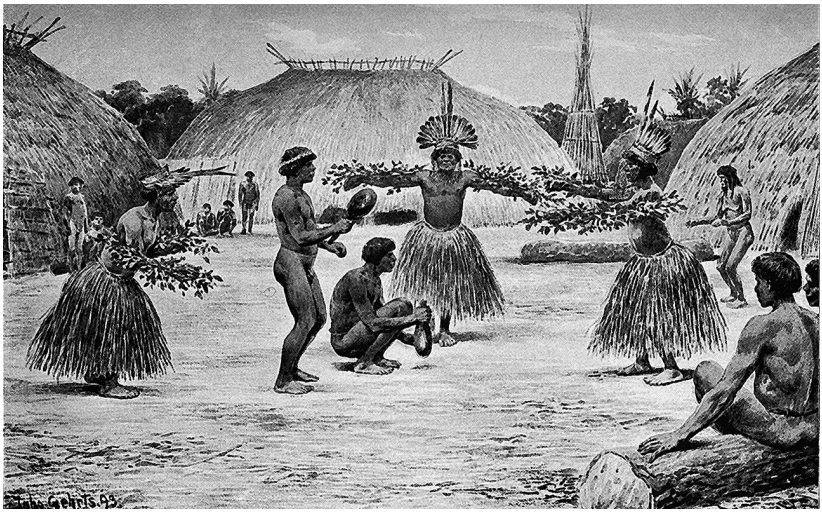
No outro dia o cacique *Ahiguata* se levantou na madrugada para dizer ao pessoal preparar seus pertences. Quando clareou um pouco, começaram a sair da aldeia, caminhando no mato e no campo até o final da tarde. Chegaram ao *Kuõsagü*. Lá eles dormiram, já quase perto do lago para onde estavam indo.

Quando deu meia-noite, o cacique *Ahiguata* ainda estava acordado e um jaguar começou a esturrar. Ele ouviu e acordou um companheiro para ouvir o esturro. Aí mesmo decidiram denominar o lugar de *Ahuahütü*, que quer dizer *'o lugar de Jaguar'*.

Assim que eles terminaram de abrir a aldeia *Ahuahütü*, construíram as primeiras casas e as roças, uns ajudando os outros até conseguirem viver bem. Esse lugar onde a história do povo *Jagamü* começa, fica entre o rio Kurisevo e o rio Mirassol.

Nesse momento, na nova aldeia *Ahuahütü*, eles começaram a se aliar com o povo *Bakairi*, vindo assim a histórica influência maior, quando começaram a conhecer os produtos do branco trazidos pelos *Bakairi* na aldeia *Ahuahütü*. Iniciaram então as trocas de produtos dos brancos pelos objetos deles.

Num primeiro momento eles tinham medo dos brancos, pensavam ainda sobre os bandeirantes que os matavam quando chegavam às aldeias. Ou então na época das trocas de produtos dos brancos em 1884, na expedição de *Karl von den Steinen*, quando os povos começaram a diminuir de população por causa das



doenças trazidas pelos brancos. Ou quando eles começaram a ir às aldeias dos *Bakairi* em busca dos produtos.

Nesse mesmo tempo havia briga com seus inimigos mais famosos, *Ikpeng*. Com isso, o povo *Jagamü* tinha cada vez mais reduzida a população. Forçados por essas doenças e esses índios bravos, alguns deles foram encontrar as suas famílias que ficaram na aldeia antiga, *Timpa*, junto com os *Kalapalo*. Por esse motivo a aldeia *Ahuahütü* foi abandonada.

Jamiku Jagamü Nafukua (65) diz:

– A minha família foi na aldeia antiga *Amagü*. Meu pai me falou que ele ainda era jovem naquele tempo. Contou isso para mim: – No *Amagü* é que eu nasci. Eu tenho muita saudade do meu pai, o sonho dele era que eu voltasse a morar na aldeia onde ele nasceu. Eu também não imaginava que eu moraria nessa região, mas agora eu fico feliz, porque estou morando bem perto da aldeia antiga que era o sítio de meus avôs. Meu pai falou também sobre a origem da humanidade, quando ele conta que a história começa tudo por lá, como *Kuatüngü,* que até agora mora lá; às vezes na pescaria, nós ouvimos alguma coisa lá, acreditamos que ele está sempre de olho.

Ao longo desse tempo, vários outros brancos passaram no Xingu. Na chegada do Orlando Villas Boas, o povo *Jagamü* já estava espalhado em cada aldeia, mo-

rando com os *Kuikuro* e os *Kalapalo*. Ele foi o primeiro branco que tentou juntar os povos *Nafukua* com *Matipu* na mesma aldeia, mas não deu certo. Eles decidiram separar de novo, e os Matipu foram morar na outra lagoa. Assim a família *Jagamü* separou-se para formar um povo, que hoje está gradativamente aumentando de população.

RELATO DE KAHUSALA OGONDÕ KALAPALO SOBRE O POVO JAGAMÜ

Contar da resistência do povo *Jagamü* é exclusividade dos velhos historiadores, porque só eles podem relatar a nossa tradição sagrada e a nossa sobrevivência. Nascemos com eles e crescemos juntos.

Há muitos anos, os *Jagamü* já viviam aqui na região da lagoa *Ihumba* e, há muito tempo, os caçadores andavam longe e chegavam até o litoral, lugar bonito, praia maior, e outros chegavam ao sul, lugar de *kongoho ïtsü* (raiz da chuva). Isso levou os ancestrais do povo *Jagamü* para a direção norte, morar no litoral. Mas não deu certo, pois as disputas eram muito grandes entres outros índios, e bem devagar os povos *Jagamü* afastaram-se e subiram pelo rio principal. Ficaram morando no meio do rio.

Depois de passado muito tempo, começaram a ouvir que pessoas *Jaburus* tinham atacado os povos vizinhos que moravam perto do litoral, falaram que tinham matado quase todos eles. Isso levou o povo *Jagamü* a pensar em voltar onde os ancestrais moravam, pois acreditavam ser o lugar onde o seu primeiro ancestral começou a povoar. Acreditavam que lá viveriam melhor. Perceberam *kagaihako* (os portugueses), que iam avançando muito, atrás dos povos indígenas. Nisso conseguiram se juntar com outros povos, para enfrentar esses inimigos que os levavam para trabalhar como escravos, levando com isso muitos à morte e outros a fugirem para o mato. Sabiam

Kahusala Ogondõ Kalapalo, é mais velho da família do povo Jagamü que relatou sobre o povo, quando já estava debilitado, por complicações de uma infecção. Foto após uma das entrevistas... antes de terminar, enfim falecido em 2014.

que eles seriam os próximos, pois os portugueses matavam muitos povos indígenas, assim alguns deles começaram a ficar com poucas pessoas. Então os *Jagamü* se juntaram a outros povos na aldeia *Nekupai* (*Timpa*), na região do rio Mirassol.

Naquele tempo, quando estavam no *Nekuapai*, ouviram de novo falar que os portugueses tinham matado outro povo da mesma família linguística Caribe, denominados *Isanga*. Mataram todos eles e nenhum sobreviveu. Foi assim que o povo *Isanga* desapareceu. Portanto, os portugueses mataram muitos indígenas trabalhando para eles e assim muitas sociedades foram extintas. Indígenas trabalhando como escravos, morrendo de doenças, pelos portugueses. E não há crítica, relato real sobre o passado.

Kahusala Ogondor Kalapalo disse:

– Os Portugueses eram muito preguiçosos, só mandavam os outros trabalharem para eles, escravizavam, torturavam, jogavam fumaça para conseguir pegar indígenas.

Será que os indígenas são preguiçosos? Não. Foram eles sim que construíram o Brasil, trabalhando muito. Verdadeiros preguiçosos foram os portugueses que, naquele tempo, ficavam mandando os outros trabalharem para eles.

Com o passar de muito tempo, os portugueses pararam de matar os indígenas, que começaram a se separar de novo e se aliaram com os outros povos. A resistência do povo recomeçava, lutavam contra seus inimigos e assim iam pelo mundo.

Naquele tempo o povo *Jagamü* foi morar no *Ahuahütü*, levando a família junto e misturando o povo com a outra etnia, e o preconceito mais forte ficava para o lado daquela família ali residente, o que gerava separação depois, por causa de pressão sofrida.

Na *Ahuahütü*, o primeiro branco que não matava os índios começou a andar nos rios, o povo do *Bakairi* mostrou a ele aonde ficavam os outros índios. E o levou para a aldeia *Ahuahütü*, onde também o povo *Jagamü* começou a guiá-los para a outra aldeia. Assim ele foi conhecendo vários povos falantes de Caribe e Aruak.

O Histórico de Vida

RELATO DE MAJUGIKA KAJU NAFUKUA

Quando eu tinha três anos de idade, morava na aldeia *Kalapalo Aiha*. Tinha muitas pessoas, era o mundo de início da civilização, tinha muitas festas que realizavam todos os anos. Nesse tempo eles eram muito agressivos, muitas brigas, fofocas e mortes, eles acreditavam mais no poder dos feiticeiros que faziam mal para as pessoas. Na metade das casas ouvia-se os gritos das pessoas enfeitiçadas passando mal e isso provocava mais brigas. Apontavam as pessoas consideradas feiticeiras culpadas, mas ninguém sabia de verdade quem fazia isso. Nesse tempo vi várias mortes.

Também brincavam muito, às vezes isso terminava em briga. Lutavam muitos *huka-huka*, jogavam muita bola, tomavam banhos duas horas da madrugada, acordavam felizes, namoravam muito, porém poucos pescavam ou trabalhavam na roça. Algumas famílias desse modo iam pedir comidas de outras famílias que tinham as roças. Era preciso oferecer para elas obrigatoriamente, senão alguém podia colocar feitiço na sua roça e perder todo mandiocal. O meu avô *Kujaitsi* foi um exemplo de trabalhador, ele tinha três roças no mesmo ano, e eles trabalhavam juntos, ajudavam as outras pessoas pela troca de comidas. Assim as pessoas tinham direito de se alimentar dessas comidas oferecidas pelos trabalhos. As meninas naquele tempo, quando ficavam grávidas de pessoas não reveladas, escondiam crescimento da barriguinha e nem chegavam a falar quem havia engravidado, e quando o bebê nascia a família dela enterrava, e era natural para o meu povo nesse tempo.

Quando eu tinha quatro anos de idade, meu pai e minha mãe levaram a gente para morar longe das aldeias. Meu pai preparou a canoa antes de nós partirmos. Quando ficou pronta, começamos a organizar nossa viagem. Eu estava muito feliz e curioso da viagem porque meu pai falou que lá era aldeia do povo Trumai. Viajamos o dia inteiro no rio Kuluene e meu pai remando cada segundo. No final da tarde chegamos ao local exatamente aonde o meu pai estava nos levando, denominado de *Karanhãnhã*. Encostou a canoa e descemos, sem casa e sem proteção da chuva. Entramos no mato que ficava no meio do campo e lá ficamos morando por muito tempo. Nós amarramos as nossas redes bem alto, com medo da anta passar em cima de nós quando estivéssemos dormindo. Às vezes eu acordava no meio da noite vendo vários bichos passarem embaixo da nossa rede, comendo o restinho das nossas

comidas. Nisso nós vivíamos isolados, eu esquecendo das comunidades. Eu ainda me lembro que só conhecia minha irmã criança. Nós vivíamos felizes, brincávamos muito no mato; foi quando tive sensação de fazer amizade com animais e aves, além de outros que viviam num lugar. Todos os dias a gente acordava bem cedo para catar frutas, como se fosse café da manhã. Eu subia no pé de frutas e comia ao lado meus colegas jacu, tucanos e mutum, e jogava também para os animais que não conseguiam subir no pé de frutífera. Depois eu voltava para o acampamento.

Meu pai começou a me ensinar como pescar e caçar, também como defender das feras, onça, cobra, quais eram os perigosos e a quem eu devia respeitar – para que também eles te respeitem – disse ele. Pois eu não podia matar os animais perigosos, onças e as cobras, por acreditar que há sempre a vingança, e poderiam me fazer mal.

Tinha uma cova linda de cinco metros de fundura em círculo no local onde eu morava. Dentro dessa valeta eu brincava muito, aonde eu via uma cobra estranha linda, bocuda, que passou olhando, brilhando todo o seu corpo, como se fosse corrente de ouro no corpo. Um dia vi a mulher gigante, parecia ter 12 metros de altura, penteava seu cabelo liso, olhando para direção norte, e eu estava na direção sul. Quem me mostrou foi o quati que estava nervoso com ela; eu achei que ela estava olhando alguma coisa, mas quando eu a vi, assustei um pouco, ela nem me olhou. Num outro dia voltei a procurá-la e já tinha sumido sem deixar rastro.

O meu pai pescava muito tracajá, eu sempre comia só a cabeça e nem deixava para ninguém comê-la. No outro ano meu pai conseguiu construir a casa um pouco mais longe do rio. O plano dele foi bom, por ter levado a construção da casa um pouco distante de onde alagava tudo. No mesmo ano, na época da chuva, o nível dos rios subiu mais do que costumava ocorrer todos os anos, afundando tudo onde morávamos primeiro.

Nós não recebíamos visitas. Com seis anos de idade, aprendi quase toda convivência com a natureza. Eu andava muito no campo conhecendo vários tipos de animais, mas tinha uma coisa que não entendia, quando eu via as pessoas de longe me sentia ficar com medo e me escondia logo, não querendo falar com eles. Mas com os animais eu ficava à vontade de conversar, sem medo e vergonha.

Meu mundo era isso, a minha família crescendo, nasceram mais dois, minha irmã e meu irmão, neste lugar em que nós morávamos. O meu pai ia para aldeia do meu

tio, cacique do *Nafukua*, e voltava para casa trazendo notícias que eu ouvia dele, de que tinha a escola que ensinava as crianças a falarem português (falar *kagaihai*). Eu entendia que meu pai tinha inveja das outras crianças, e eu nem ligava ao que se falava, estudar. Meu sonho era ser grande caçador, lutador de luta *huka-huka*, pescador e trabalhador e casar com uma mulher linda. Eu acreditava que, se eu conseguisse todos esses sonhos, eu conseguiria casar com a mulher bonita.

Aos oito anos de idade, meu pai fez muitas coisas e decidiu voltar para a aldeia *Kalapalo*, levando primeiro a gente para a aldeia. Lembro muito bem que isso não foi fácil para mim, sofri muito ao pisar na aldeia. A minha mãe já tinha me orientado antes de ir, de não poder fazer besteira, mas sim, me sair bem. Quando entrei na aldeia eu olhei as crianças andando em grupos, não resisti, fiquei com vontade de correr no mato. A minha irmã nem tinha vergonha e ela foi bem normal. A primeira coisa que fiz foi tampar o rosto com a minha mão e chorar, sem olhar por onde eu pisava, e minha mãe segurava na minha nuca me empurrando até chegar à casa. Ficamos dois dias na aldeia e eu sem ir tomar o banho na lagoa. Minha mãe me banhava dentro de casa, mas minha irmã se divertia muito, conheceu muitas crianças que brincavam com ela.

A partir desses trajetos começamos a andar, por causa de algumas gripes fortes que pegamos e fomos ao posto Leonardo de canoa, onde estava a equipe de enfermeiras. Lá conheci os *kagaihako* (brancos) que ali deram remédio para nós; eu nem conseguia tomar os remédios, pois toda vez que tomava, eu vomitava. E conheci muitas coisas novas ali, avião, televisão, motor de popa, barco, trator, entre outros.

Depois desta nossa ida à aldeia *Kalapalo* de nossa aldeia *Kaganhãnhã*, ficamos visitando a casa do meu avô na aldeia *Kalapalo*, aproveitando para levar um pouco de coisas antes de voltarmos a morar de novo na aldeia.

Conseguimos voltar para a aldeia *Kalapalo*, eu com nove anos de idade. Meu pai e minha mãe entraram em crise, pois meu pai conheceu uma outra mulher e a nossa situação ficou mais difícil. Quando meu pai ia pescar, ele deixava os peixes bons para a namorada e nós, família, ficávamos com peixes pequenininhos. Assim foi a nossa vida em 1999. A família da minha mãe não gostava dela, sendo esse o motivo do meu pai ter tomado decisão de construir nossa casa a 50 metros desta aldeia. Quando mudamos para a casa nova nossa situação ficou mais difícil ainda, meu pai tentou casar com a minha tia, porém não deu certo, porque ela não gostava do meu pai. Nesse tempo a minha mãe não estava se sentindo bem. Ela nos aconselhava muito, que nós não preocupássemos com ela, de porque ela estava fazendo isso, chegando a pedir ao meu pai para tentar voltar para a minha

tia. Mas não deu certo de novo. Eu tinha certeza que minha mãe me amava muito, eu sempre andava com ela catando pequis, trabalhando na roça, e ela falava que gostava muito de mim, onde falou que, se um dia eu casasse, não poderia fazer com minha esposa o que meu pai fez com ela. Naquele dia ela já estava grávida de oito meses, nos dias em que os povos do Xingu realizavam o torneio de futebol no posto Leonardo. Todos foram assistir e meu pai foi também. Quando eles estavam lá, eu e minha mãe fomos catar pequi, e catando pequi ela me disse o que marcou a minha vida para sempre, mas falou no plural.

– Filho, tio me matou, meu filho não vai nascer bem – disse ela – falando que foi acertada com feitiço.

Eu não respondi a minha mãe, achei que era briga pessoal dela. Quando foi no outro dia ela sentiu a dor de nascer da criança e nos disse as últimas palavras:

– Filhos, vocês vejam que agora estou dando à luz, não briguem entre vocês.

Só depois descobri que ela queria dizer que estava morrendo, mas a criança nasceu logo (...). Às quatro horas da tarde a minha mãe morreu no Posto Leonardo e a trouxeram de volta para a aldeia *Kalapalo*, quando as pessoas que chegaram primeiro na aldeia falaram para nós que a minha mãe estava morta. Naquele momento não senti mais nada; sem sentir que eu estava pisando o chão, ficamos deitados na rede abraçados uns aos outros esperando a chegada do corpo dela.

Chegaram às cinco e meia da tarde, choramos muito mas não adiantava nada, e o corpo dela foi enterrado sete e meia da noite. Depois disso, saímos de casa e nós nos separamos, eu fui à casa da minha tia. No outro dia fiquei sabendo que deixaram a criança que nasceu com outras pessoas no posto Leonardo. Depois de duas semanas do falecimento da minha mãe, os meus tios foram pegar essa criança. Continuamos morando na aldeia *Kalapalo*, meu pai de luto por sete meses confinado. Quando ele terminou o luto, saiu de casa e foi morar na casa do irmão dele, meu tio *Jamiku* na aldeia *Nafukua*. Portanto, eu fiquei morando com meus tios.

Adiante teve o ritual de furação de orelha de jovens, e eu fui candidato a participar. Quando furamos as orelhas ficamos deitados por quatros dias juntos, sem tomar água e sem poder comer, conforme manda o ritual. Feito isso nos separamos uns dos outros e, cada um indo às casas das suas famílias, fui à casa do meu avô, onde eu fiquei na reclusão por um mês sem comer peixe, só podia comer carne vermelha, isto é, carne de macaco.

O meu irmãozinho ficou doente, meu avô e minha avó o levaram para o posto Leonardo na tentativa de salvá-lo, mas como não deu certo, o trouxeram de volta para a aldeia *Kalapalo*. Chegaram às nove horas de manhã e meu irmãozinho já estava fraco. Os pajés tentaram curar também, mas não conseguiram. Passadas oito horas da noite a vida dele acabou e morreu. Nesses dias eu ainda não estava bem psicologicamente, não recuperado após o falecimento da minha mãe. Eu sentia fortemente o ódio. Me perguntava: – O que é isso que está acontecendo com a minha família? Eu chorei muito e muito. Alguém foi avisar o meu pai na outra aldeia, que tinha morrido um filho. Lembro-me ainda quando meu pai chegou chorando furioso e falando alto: – Se acontecer de novo de morrer mais um filho, vou queimar todas as casas de vocês. O meu finado irmãozinho foi enterrado às onze horas da noite.

Ocorrido isso, meu pai tentou descobrir porque é que estava acontecendo essas coisas. Ele levou o cabelo do finado para outro feiticeiro na outra aldeia. Aí ele enfeitiçou. Meu pai me trouxe de volta para a aldeia *Kalapalo*, morando na casa do meu avô, onde eles ficaram cozinhando o cabelo do finado preparado pelo feiticeiro. O cuidado desse cabelo em aquecimento levou mais ou menos um mês, e foi quando meu pai ficou cansado de buscar lenha e fez besteira, resolveu se distrair um pouco, foi assistir um pouco de televisão na casa da minha tia. Meus tios não gostaram disso, um deles discutiu com meu pai, discutiram feio. No outro dia bem cedo meu pai levou todos nós para morar na casa do meu tio *Jamiku* na aldeia *Nafukua*, e ficamos um ano lá.

Meu pai decidiu viajar um pouco para a cidade, para Brasília, deixando todos nós na aldeia. As minhas irmãs decidiram voltar à casa do meu avô na aldeia *Kalapalo*, e eu decidi ficar na aldeia *Nafukua* na casa do meu tio. Primeiro, eu ganhava comida oferecida tranquilo e eu pescava muito. Passando de três meses, eu percebi que não estava agradando mais a mulher do meu tio, deve ter sido por motivo de alguma coisa que fiz de errado, mas não me lembro disso. Aí começou, não colocaram mais exposto mingau para eu tomar. E eu passei a viver só tomando água. Mesmo assim, fiquei vivendo na casa do meu tio *Jamiku*.

Às vezes pensava em sair, mas não tinha para onde eu ir, só pensava na tia *Tapualu*, casada com povo *Kuikuro*. Pensava se ela aceitava ou não de eu ir à casa dela. É que eu não queria mais voltar à aldeia *Kalapalo*, tinha raiva dos meus tios que deveriam ter nos falado para eu ficar na casa deles. Eu ficava pensando no meu pai – Por que ele não pensou em nós e nos deixou tudo rodados?

Eu fui ficando sem ter medo e com vontade de sumir no mundo. Andava o dia inteiro nas florestas procurando frutas para comer. Mesmo nesta situação,

quando eu pescava, levava os peixes à casa do meu tio *Yamiku*. Só nessa hora é que recebia mingau, depois eu sumia de novo. Andava de canoa até onde nós morávamos antes, quando tinha cinco anos, lembrando a vida ali, como minha finada mãe me cuidava, e olhando a natureza. Subi nas árvores que minha mãe me mandava subir, no pé de árvores de frutas. Na verdade não olhava para o local que foi nossa casa, passava um pouco distante dele, quando eu nem imaginava que a minha vida fosse ser sofrida.

Antes de meu pai voltar de viagem, por dois meses, eu fiz o pior, o que iria marcar a minha vida para sempre. A esposa do meu tio havia mudado o lugar do tacho de panela de barro para quase perto da minha rede. No momento eu estava feliz, e entrei correndo na casa do meu tio sem ver o tacho, passei por cima dele e quebrou tudo. Ela ficou muito brava, falou que eu não deveria estar na casa dela, que eram minhas tias que deveriam me cuidar, falou muita coisa. Eu não quis ouvir mais e fui correndo para trás da escola, chorando. Depois meu tio foi me procurar, eram oito horas da noite. Ele falou que ia me levar de volta para casa e fui com ele.

Quando deitei, fiquei ouvindo a mulher dele falando, não aguentei mais e falei para o meu tio que eu ia sair fazer necessidade no mato, eu levantei e fui correndo para o mato. Isso já eram dez horas da noite e não voltei mais. Fiquei uma semana dormindo no mato, sem comer nem tomar nada. Levei várias picadas de formigas, achei que eu ia morrer, que alguns bichos iam fazer alguma coisa ruim comigo.

Depois de sete dias, fui à lagoa tomar água, eu já estava muito fraco. Fiquei um dia na lagoa e parei para pensar de voltar à casa do meu avô na aldeia *Kalapalo*, já era quase na época da seca. Bem cedinho, andei no caminho em direção à aldeia *Kalapalo*. Cheguei nove horas da manhã e fiquei escondido perto da casa do meu avô. No momento, eles estavam assistindo jogo da Seleção Brasileira, algumas crianças conseguiram me ver de onde eu estava escondido. Então fui à casa do meu avô e fiquei lá. Ele não estava em casa, estava doente internado no hospital em Brasília.

Depois de uma semana, o marido da minha tia tinha ido à aldeia *Nafukua* onde ficou sabendo desse meu desaparecimento. Ao chegar de lá, ele perguntou para minha tia se ela tinha me visto, ela falou que eu estava lá. Nesse tempo eu descobri que eles iam avisar minhas famílias, e eu me sentia um animal sem dono nesse momento: desaparece e some de vista, e ninguém se preocupa com a minha vida.

Depois de dois meses, meu pai mandou recado para nós irmos à aldeia *Nafukua* na casa do meu tio, esperar a chegada dele, mas não fui antes, as minhas irmãs foram. Quando chegou, eu fui com ele.

Depois de três meses, falei para meu pai que eu não ia mais ficar com ele na aldeia *Nafukua*, pois eu ia morar na casa do meu avô junto com a minha tia. E fui morar na aldeia *Kalapalo*, eu com 11 anos de idade. Acontece que a minha tia disse que eu podia ficar na reclusão, e fiquei só por dois anos recluso. No primeiro ano de reclusão meu tio *Tsigaku* me levou para Brasília, sendo essa a minha primeira saída para cidade grande. Eu gostei tanto de conhecer a cidade. Voltamos para a aldeia. Depois de dois anos de reclusão, eu fiquei trabalhando com meu tio nas roças. Quando estava com 14 anos, sofri acidente na roça por eu ter passado embaixo da madeira e quando me levantei um pouquinho, ela caiu nas minhas costas, me machucando muito feio. Quase desmaiei, mas consegui sair debaixo dela. Ficou muito inchado. O meu tio me levou na garupa da bicicleta até a aldeia, eram nove horas da manhã. Eles tentaram me retirar logo para cidade, mas infelizmente não foi fácil; foi quando um gringo, amigo do cacique do *Kamaiura*... não sei bem como era, mas eles conseguiram mandar o gringo me retirar da aldeia no avião dele. Isso já eram duas horas tarde.

Ele me retirou diretamente para Canarana e o meu tio foi comigo. Em Canarana trocamos de avião pouco maior, Bandeirante, bimotor. Voamos direto para Goiânia. Quando chegamos a Goiânia, a ambulância do hospital Hugo já estava me esperando no aeroporto, já eram seis horas da tarde. Me levaram direto no hospital Hugo, me examinaram e falaram que eu tinha quebrado o osso principal do corpo, a medula espinhal. Por isso, não aceitaram fazer cirurgia no hospital Hugo. No outro dia, fui transferido ao hospital particular de Goiânia, onde fiz novos exames e marcaram cirurgia à tarde. Eu fui à sala de cirurgia e depois não me lembro de mais nada. No outro dia, às sete horas da noite, eu acordei, já estava na sala de UTI e nem sabia que horas eram. Perguntei à enfermeira Deusa, ela falou que eram sete horas da noite. Quando ouvi ela falar isso, pensei que já estava no outro mundo.

No outro dia, meu tio me visitou, e falaram para ele que eu tinha que fazer a outra cirurgia. Marcaram para cinco horas. Depois, meu tio foi embora. Lembro muito bem, falei a eles que eu não queria fazer cirurgia, chorei, mas não consegui escapar disso. Mesmo assim me levaram para lá e depois, não me lembro de mais nada. Acordei de novo no outro dia às quatro horas da tarde, na sala de UTI, onde fiquei dois dias e fui ainda transferido para a enfermaria. Sempre às quatro horas da tarde, meu tio me visitava. Quando ele chegava no hospital,

o médico o acompanhava para falar da minha situação. Da enfermaria, ouvi tudo o que o médico disse para meu tio. Falou que eu não conseguiria mais andar nem falar, porque tinha quebrado a medula espinhal.

Depois de seis dias na enfermaria, eu fiquei pensando se eu conseguiria levantar e ir ao banheiro sem permissão do médico. E consegui me levantar, fui ao banheiro e depois quase passei mal.

No outro dia já estava andando na enfermaria e no corredor. Depois de oito dias saí do hospital, fui para a Casai de Goiânia onde fiquei só quinze dias. Voltei para a Casai de Canarana, sofri bastante na viagem, quinze dias depois das cirurgias. Quando cheguei em Canarana, eu estava quase morrendo. Fiquei uma semana na Casai e meu tio me deixou, foi embora para a aldeia. Depois providenciaram avião para mim e eu fui diretamente no posto Leonardo. De lá, fui de barco para aldeia *Kalapalo*, e fui andando três quilômetros. Cheguei na aldeia e comecei a fazer de novo as atividades, só não ia mais para a roça, mas pescava muito.

Passados alguns meses, eu fui para São Paulo acompanhar minha avó, sendo essa a primeira responsabilidade de viajar, e nunca tinha viajado antes para São Paulo. Mas gostei muito, ficamos quatro meses por lá. Conheci o mar, também conheci várias meninas bonitas na praia de Santos. Voltamos para a aldeia. O tempo passa rápido. Passaram três anos, eu já estava com 17 anos e meus tios viajaram para São Paulo. Eu pedi para ir com eles e nós fomos. Viajamos o dia inteiro direto para lá.

Quando chegamos, pegamos outro ônibus metropolitano que circula no interior, destino Embu das Artes onde meu tio *Kunúe Kalapalo* mora com toda a sua família, até hoje. Chegamos às dez horas da manhã no ponto de ônibus sem saber para onde ir depois. Então meu tio foi avisar um conhecido dele chamado Paulo, dizendo que estava precisando de carro para retirar as coisas do ponto de ônibus, e que ele também tinha levado presente para ele (Paulo). Ele foi pegar todas as nossas coisas fazendo três viagens. Levou tudo para o museu do índio, onde meu tio guarda as coisas. Fomos para lá.

Depois do almoço, visitamos meu tio na Praça do Embu das Artes, o encontramos e foi bom o conhecer. Ficamos duas semanas em São Paulo vendendo artesanatos e, depois, dois dos meus tios voltaram para a aldeia. Eu fiquei lá, minhas primas me levaram à igreja e isso ajudou. Fui para São Paulo sonhando entrar no serviço militar, com intuito de vingar a morte da finada mãe e irmão, matar meu povo, imaginando tocar uma arma. Entretanto, foi diferente, conheci a igreja e fui

batizado, mas depois de seis meses não consegui mais viver na cidade grande e voltei para a aldeia. Quando cheguei à aldeia senti muita falta dos meus colegas da igreja. Fiquei só duas semanas e decidi voltar para a cidade.

Era sábado, uma hora da tarde, quando eu peguei minha bicicleta e fui pedalando, atravessando o rio de canoa. Cheguei à aldeia Paraíso, já eram seis e quarenta da tarde. Eles me ofereceram mingau e peixe, não conseguia mais engolir direito de tanta sede. Depois peguei minha bicicleta e fui pedalando em direção a Canarana a 356 km. Cheguei à pousada Xechito primeiro. Lá jantei. O gerente me ofereceu comida e perguntou para onde eu estava indo. Falei que eu estava indo para Canarana de bicicleta e depois para São Paulo. Ele falou que os turistas que estavam ali iam sair às 11:00 horas da noite, e que eu poderia pegar essa carona. Eu topei. Fiquei esperando e fui com eles.

Chegamos em Canarana às 4:00 horas da manhã, no hotel Polyana. No outro dia, peguei nova carona com pessoal da FUNAI direto para Brasília. Fiquei só um dia no hotel caríssimo em Brasília, e viajei para São Paulo. Quando cheguei a São Paulo, eu só tinha mil reais de dinheiro no meu bolso, não dava para pagar mais hotel. Nisso, procurei uma mulher que eu conheci chamada Amada, que sempre ia à aldeia *Kalapalo*, porém, ela não tinha casa própria, morava com a mãe. Ela foi me buscar onde eu estava. Fui à casa dela e saí muito com ela. A mãe dela pensou que eu era namorado da filha. Fiquei uma semana, na região da Parada Inglesa. Depois voltei na aldeia.

Isso era no final de 2007. Fiquei só um mês na aldeia, peguei a minha bicicleta de novo e fui pedalando para Gaúcha do Norte. Fiquei lá um ano trabalhando na rua para a prefeitura. Depois decidi de novo voltar para São Paulo. Antes do final do ano, fui para Canarana. Lembro muito bem, passei o fim de ano de 2009 dentro do ônibus. Fui direto para Brasília. No outro dia, peguei avião para São Paulo, onde aconteceu muita coisa. Perdi o meu primo. Lá eu peguei uma gripe muito forte. Conheci várias meninas. Fiquei 12 meses por lá. Antes do fim de ano de 2010, viajei para Brasília visitar meu avô, que estava internado em hospital HUB. Quando cheguei ao DF, fui direto visitá-lo. Fiquei uma semana no hospital acompanhando ele.

Depois fui chamado para trabalhar na aldeia *Nafukua*, contratado pela SEDUC-MT, para dar aula para as crianças do ensino fundamental. Aí comecei a conhecer como está sendo a política indígena, participei de várias reuniões da terra indígena. Comecei a enfrentar as dificuldades junto com novos colegas que já participavam da política indígena do Xingu, o que me fez pensar profundamente em sair da sala de aula.

Depois de dois anos, eu fui para Canarana, tentar concluir o ensino médio, onde eu pudesse entender melhor como é a política do branco. Decidi encarar a dificuldade, racismos e o trabalho pesado. Isso era em 2012. Saíram muitos jovens indígenas atrás dos sonhos, e encontrei dois indígenas trabalhando na firma Cargill. Me candidatei e consegui uma vaga como Encarregado dos funcionários do Sindicato. Fiquei trabalhando só um ano e aconteceu um acidente, estourou o silo que matou quatro dos meus colegas, sendo um índio. O pior é que eles eram da minha turma, onde eu vi que Deus não me deixou ainda sumir da terra. Lembro muito bem daquele dia, fui ameaçado de demissão só porque falei que não estava me sentindo bem e que não ia trabalhar. Como eu era responsável, fui só no escritório para confirmar quem estava trabalhando e falar as horas que eles poderiam sair, e quando voltei à cidade me ligaram dizendo que já estavam todos mortos.

Nesse momento me senti mal, chorei tanto, lembrei de tudo, refleti: – Por que saímos da aldeia, deixamos as nossa famílias? Das conversas que tivemos, do que íamos fazer depois de terminarmos o ensino médio.

Demorei a sair da depressão e depois fui pedir demissão, mas eles não deixaram. Voltei sem resposta ainda, falaram que acidentes acontecem mas não sempre. A segunda vez que fui pedir a minha demissão, eles aceitaram, falaram que o processo demoraria 90 dias. Fiquei esperando os 90 dias e deu tudo certo, já era 2013. Depois disso, eu não queria mais trabalhar, fiquei só estudando na escola Paulo Freire. Só saía fora de casa para participar do curso de formação em Gestão Territorial e Serviços Socioambientais no Xingu.

Só nunca pensei em desistir de estudar, sempre pensei em levar meu estudo a sério, mas ao mesmo tempo tinha trabalho de pesquisa sobre origem do meu povo. Tinha muitas atividades que dificultavam a minha vida.

No dia 18 de dezembro, recebi convite do meu primo vice-presidente da ATIX, *Yakari Kuikuro*, para participar do primeiro encontro de jovens estudantes indígenas de Canarana, para debater sobre estudos, dificuldades, objetivos, preconceitos e bebidas alcoólicas, entre outros. Onde eu pensei poder ajudar meus povos com outra coisa, não somente através da política, mas com outro caminho bom também. Aquilo que pode servir para o povo.

Naquele dia fui chamado para dizer como estavam indo meus estudos, falar onde estou estudando, o que sou na escola, os meus objetivos e as dificuldades, o que estou enfrentando. Foi boa a minha apresentação, e vi meu primo

Taliko Kuikuro se manifestando orgulhosamente, falando da filha dele, *Maira Kuikuro*, que está seguindo a carreira dele. Isso também me incentivou muito e me deixou sonhar profundamente, somos esperança dos nossos povos. A minha vida foi sempre triste. O primeiro presente que eu ganhei foi um *piercing* na língua, e foi bom, mas na hora da festa passei fome, porque eu não dava conta de comer, deu infecção e fiquei uma semana só tomando sopa.

Em 29 de dezembro 2013, eu conheci uma menina, Taina, da etnia *Xavante*, eram quatro horas da tarde quando, primeira vez, fiquei batendo papo com ela. Ela falou que era cinegrafista do povo dela, achei ela inteligente e que poderia aprender com ela também. Falei que gosto muito de escrever e fazer as pesquisas, a irmã dela falou que também gosta e que tinha feito a pesquisa sobre a vida sagrada, mas não poderia me explicar melhor o que é sagrado para povo dela. Eu disse a ela que fiquei interessado e que ela poderia mandar a pesquisa dela por E-mail. Propus a ela que, se eu conseguisse fazer um documentário, se ela participaria comigo, e ela disse que poderia. Depois fiquei pensando em como fazer isso, uma coisa que me atrapalhava muito era meu estudo, eu não tinha concluído ainda o ensino médio, por isso não conseguiria ir atrás das pessoas que trabalham com documentários. Pensei em fazer sozinho os roteiros que seriam usados.

Assim levo a minha vida adiante, muito esforço para conseguir o sonho de ajudar os povos, esperança de ganhar alguma ajuda para ficar somente estudando e tirar notas melhores, sair dos trabalhos pesados, pelo menos na faculdade que estou fazendo. Isso já seria suficiente para ajudar meu povo, cuidar de pessoas enfermas, esperança de não mais ver o que aconteceu comigo, crianças que passavam o dia inteiro ao lado da mãe, que passava mal até a morte. Sentimento e força de vontade de querer realizar um sonho, com o que me fortaleci, e tenho lembranças muito fortes, que levam a me esforçar mais a realizar o sonho de ajudar as pessoas.

ISA
Instituto Socioambiental